

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O FIMFA
27 e 30 de maio de 2026

LITTLE SHOP OF HORRORS / 1986
(A Lojinha dos Horrores)

Um filme de Frank Oz

Realização: Frank Oz / *Argumento:* Howard Ashman, baseado na peça de teatro musical com o mesmo nome e no filme original de Roger Corman, com argumento de Charles B. Griffith / *Produção:* David Geffen / *Produção Associada:* Denis Holt, David W. Orton / *Direção de Produção:* William S. Gilmore / *Direção de Fotografia:* Robert Paynter / *Montagem:* Gillian L. Hutshing, John Jympson / *Música:* Miles Goodman / *Casting:* Margery Simkin / *Design de Produção:* Roy Walker / *Direção Artística:* Steve Spence / *Decoração:* Tessa Davies / *Guarda-roupa:* Marit Allen / *Mistura de Som:* Peter Sutton / *Interpretações:* Levi Stubbs (Audrey II), Rick Moranis (Seymour Krelborn), Ellen Green (Audrey), Vincent Gardenia (Mushnik), Steve Martin (Orin Scrivello D. D. S.) Tichina Arnold (Crystal), Michelle Weeks (Ronette), Tisha Campbell (Chiffon), Jim Belushi (Patrick Martin), John Candy (Wink Wilkinson), Christopher Guest (O Primeiro Cliente), Bill Murray (Arthur Denton) / *Cópia:* DCP, a cores, falada em inglês com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia Mundial:* 19 de dezembro de 1986 / *Estreia Nacional:* 29 de maio de 1987 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: ao contrário do que foi anunciado no *Jornal da Cinemateca*, a versão que vai ser exibida corresponde à que foi lançada em 1986 e teve distribuição comercial alargada. Pelo facto, apresentamos as nossas desculpas.

*Feed me, Seymour
Feed me all night long
'Cause if you feed me, Seymour
I can grow up big and strong.*

Reza a lenda que foi assim: o multitalentoso marionetista, cineasta e ator Frank Oz percebeu mal a advertência em **Gremlins** (1984), o filme-sensação produzido por Steven Spielberg e realizado por Joe Dante, este último um dos “filhos de Roger Corman”, levando a arte da *animatronics* ao coração de Hollywood, e decidiu usar água, quer dizer, *sangue como água*, para regar a sua insaciável plantinha “from outer space”. O resultado é a elevação até à última potência de uma obra feita com dois tostões, à volta de 30 000 dólares para ser mais exato, e diz-se que realizada em apenas um par de dias, um filme de culto da autoria do “papá” da Nova Hollywood, que pretendia ser uma comédia negra sobre um rapaz algo desajeitado, a trabalhar como florista e acalentando, mesmo nas horas de expediente, o desejo de conquistar o coração da colega Audrey. Daí a decisão de chamar “Audrey Jr.” à *sui generis* flor carnívora gerada da mistura, improvisada em casa, de duas variedades de plantas. **The Little Shop of Horrors** (1960), filme de culto desse grande “jardineiro da Nova Hollywood” chamado Roger Corman gerou um significativo culto, tendo sido convertido, em 1982, num musical da Broadway com texto de Howard Ashman e música de Alan Mencken. A atenção dada ao filme aproximava-se da atenção popular e mediática que a planta, no filme, gerou relativamente à pequena loja de bairro.

O sucesso regado a sucesso. O fenómeno crescia e, em 1983, já circulavam na imprensa notícias sobre uma nova adaptação ao cinema, desta feita, não a partir do argumento original de Charles B. Griffith com Corman, mas do musical de Ashman com Mencken. Na linha do que fizera com **Gremlins**, Spielberg seria o produtor e a realizar não estaria Dante, mas outro “pupilo” de Corman, Martin Scorsese. John Landis, que realizara o seu filme de ação musical de grande efeito, **The Blues Brothers**, em 1980, também chegou a estar associado ao projeto. No final, quem ficou com o lugar de realizador foi Frank Oz, cocriador de várias personagens marcantes do universo infantojuvenil, em programas tão inesquecíveis como **The Muppet Show** (1976-1981) e **Sesame Street** (1969-). A ele se devem as criações de personagens-“marionetas” tão variadas como Miss

Piggy e Fozzie Bear ou Egas e Monstro das Bolachas. Foi também ele a dar expressão e voz à personagem Master Yoda da saga **Star Wars**, universo fantástico criado por outro “movie brat”, George Lucas.

A David Geffen, que iria produzir a série de animação **Beetlejuice** (1989-1991), e Frank Oz, vindo do mundo das marionetas, tendo marcado pontos no *box-office* com filmes por si realizados como **The Dark Crystal** (1982) e **The Muppets Take Manhattan** (1984), coube a árdua tarefa de “reanimar” o monstruoso vegetal, agora *bigger and stronger* e reapelidado de “Audrey II”, um nome baseado num equívoco entre o “dois” (*two*) e o “também” (*too*), pois a comilona verde e, em todos os sentidos, *big mouth* (fantástico trabalho vocal de Levi Stubbs, vocalista da banda Four Tops), vinda do espaço *aquí*, na versão de Oz, começa por ser um motivo de aproximação entre o desajeitado misantropo e a colega por quem morre de amores, que responde *outrossim* pela graça Audrey. De igual forma, a flor cresce mesmo, mesmo muito, neste filme musical com um apetite especial pela comédia negra que fora marca distintiva dos filmes (pouco) infantis dos anos 80. O que Geffen e Oz pretendiam oferecer ao grande público era, *grosso modo*, uma comédia musical negra sobre o amor como força... tão destrutiva que pode bem aniquilar a espécie humana no seu todo. Portanto, um *boy meets girl meets carnivorous plant* sobre o mais vegetariano dos “fins do mundo em cuecas”. Pretendia-se que **Little Shop of Horrors** fosse um banquete cómico repleto de aparições hilariantes, nomeada e mormente Steve Martin como o mais impagável dos dentistas – a pedir meças em vilania a Laurence Olivier em **Marathon Man** (1976) – e um masoquista Bill Murray a ocupar o lugar de um Jack Nicholson em início de carreira mas já destravado e delirante, no filme original de Corman. Pretendiam que fosse assim, dizia, mas não foi exatamente isso que aconteceu.

Quando se junta uma das forças criativas por detrás (ou literalmente por baixo, manobrando as marionetas) dos “Muppets” com o futuro produtor de **Beetlejuice** não devia ser surpreendente que se gerasse – um pouco como a planta carnívora inventada de maneira quase laboratorial no original de Corman – um filme monstruoso ainda mais assustador do que cómico. **Little Shop of Horrors** é um caso raro na história do cinema por chegar ao dia de hoje com dois finais passíveis de serem projetados consoante, digamos, as sensibilidades “em jogo”: aquele que foi imaginado e executado por Oz seguindo os seus impulsos “carnívoros” em relação ao futuro da raça humana e aquele que foi reimaginado, como que “recalibrado”, após a reação desastrosa de um primeiro auditório durante uma famigerada sessão-teste, *vulgo test screening*. Existe, portanto, um *happy ending*, na versão do filme lançada em 1986, e outro, bem *sad*, destrutivo e apocalíptico recuperado recentemente numa edição Blu-ray, em 2012 (a antecipar **Gremlins 2** [1990], por acabar com Audrey II a romper a tela, visando-nos a nós, espectadores na sala, num grandioso “big swallow” pós-cinematográfico, pós-humanidade). Os anos 80 foram especiais, para o humor mais negro e para os amantes de *practical effects* mais ou menos inquietantes, mas, pelos vistos, nem o público à época estava preparado para o final desolador que se apresenta na versão “director’s cut”.

Dado o choque desses primeiros espectadores, Oz reconvocou os seus atores para filmar um final que os mantivesse juntos e fora do sistema digestivo de “Audrey II”. Só que, inicialmente, a fome insaciável da planta monstruosa era mais forte do que qualquer história de amor de trazer por casa. Assistiríamos, então, à flor malvada a comer o duo romântico de floristas e a multiplicar-se por todo o mundo por causa da estupidez humana; tomando Nova Iorque, o mundo e, inclusive, engolindo-nos a nós, deste lado da fita. Como foi possível ter-se investido tanto (diz-se que foi o final cancelado mais caro da história de Hollywood) numa tão boa “imagem final”, selando um musical sobre homens e mulheres consumidos pela ganância e o desejo de atenção/devoração do outro, para, no final, ser-se forçado a “podá-la” de maneira significativamente menos imaginativa e pugnaz? Tem a palavra o espectador do século XXI.

Luís Mendonça